

Dois

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 14 de novembro de 1999

DOCUMENTÁRIO REFAZ VIAGENS DO FRANCÊS HERCULE FLORENCE POR RIOS BRASILEIROS

EXPEDIÇÃO REVIVIDA

Alexandre Machado
Enviado especial

PORTO JOFRE (MT)—
“NATURALISTA PREPARANDO-SE PARA VIAGEM ATRAVÉS DO BRASIL PROCURA UM PINTOR. ÀS PESSOAS QUE PREENCHAM AS CONDIÇÕES NECESSÁRIAS, ROGA-SE QUE SE DIRIJAM AO CONSULADO DA RÚSSIA”. O ANÚNCIO SAIU EM JORNAL CARIOCA, EM 1825. UM JOVEM NATURALISTA FRANCÊS, TAMBÉM PINTOR, CHAMADO HERCULE FLORENCE LEU E DIRIGIU-SE AO ENDEREÇO INDICADO.

No consulado, descobriu que, caso aceitasse, iria participar da expedição Langsdorff, viagem científica cujo objetivo seria revelar aos russos, com o apoio das autoridades brasileiras, detalhes de um Brasil ainda por se descobrir. O susto de Florence não deve ter sido diferente do da tetraneta, Adriana Florence, quando foi procurada pela produção Grifa Cinematográfica no primeiro semestre, para refazer a expedição na qual o tataravô trabalhou.

Adriana foi descoberta pelo roteirista inglês Steven Bowles, em uma pesquisa na Internet, quando ele, indicado pelo Discovery, fazia pesquisas a respeito de Hercule Florence. Para a surpresa de Bowles, Adriana morava no Brasil, a algumas quadras de distância da produtora de Maurício Dias.

Assim como o barão Grigory

Divulgação



O roteirista Steven Bowles, a artista plástica Adriana Florence e Paulo Werner navegam no rio Cuiabá, durante as filmagens do documentário Expedição Langsdorff

Ivanovitch Langsdorff, Dias pretende navegar parte significativa dos rios brasileiros. Mas, 178 anos depois, os objetivos expedicionários são diferentes. Dias está rodando o documentário *Expedição Langsdorff*.

Com 52 minutos de duração e filmagem em 16 mm, o trabalho é co-produção entre o Discovery e a Grita, com patrocínio da Petrobras e será mais um acessório da comemoração dos 500 anos de Brasil. *Expedição Langsdorff* será exibido no dia 22 no Brasil. “O Discovery pretende apresentar o documentário em

cerca de 100 países, dos cinco continentes”, explicou o diretor. O objetivo é retratar o Brasil atual, seguindo o roteiro da maior expedição fluvial de que se tem notícia no Brasil, realizada entre 1821 e 1829.

“A gente vai comparar as duas expedições o tempo todo”, antecipa o roteirista Steven Bowles, indicado pelo Discovery para auxiliar a Grifa Cinematográfica na empreitada. “Criamos roteiro que é mais uma estrutura narrativa. O Discovery queria que tivesse um apresentador, mas nosso apresentador não é outro

que não as pessoas do local por onde passamos”, completa Maurício Dias.

Dias e uma equipe de oito técnicos, além de Adriana Florence e do roteirista Steven Bowles, partiram de Porto Feliz, São Paulo, no dia 16 de outubro. Eles deverão percorrer, em 28 dias previstos de viagem, 1,8 mil quilômetros. O roteiro completo inclui passagem pelas hidrovias Tietê-Paraná e Paraná-Paraguai e pelos rios Juruena, Tapajós e Munducurus, antes da chegada a Santarém.

Na passagem, índios, capivaras, lontras, veados e jacarés,

muitos jacarés. “Notamos que quanto mais próximos de São Paulo, mais os índios misturam seus costumes com os dos brancos. Mas, às vezes, a gente pensa que colocar um short significa aculturação. Nem sempre é assim”, comenta Adriana Florence, que tem usados dotes artísticos para registrar a versão 99 da Expedição Langsdorff. Adriana, aliás, desenhava há três anos o projeto *Todas as Tribos*, no qual realiza pequenas viagens baseadas no roteiro de Langsdorff, e a levou a passar 40 dias em meio a in-

dios xavantes no Mato Grosso.

“Trabalhar em uma aldeia soa, agora, quase como um milagre para mim. Algumas cenas registradas são minha homenagem ao meu tataravô. Há coisas que são exatamente do mesmo jeito 178 anos depois”, compara.

O canto dos pássaros é uma delas. Impressionam pela diversidade e intensidade. E faziam o mesmo na época de Hercule Florence, que registrou os concertos das aves em partituras.

■ O repórter viajou a convite da produção do documentário

HORROR NO MEIO DA MATA

Muito antes de *A Bruxa de Blair*, uma máquina digital registrou o horror de se perder em meio a uma floresta. O diretor Maurício Dias e o produtor Luiz Oliveira, acompanhados de dois mateiros, antes de começarem as pesquisas para o documentário *Expedição Langsdorff*, foram até o rio Juruena — na divisa do Pará e Mato Grosso.

A lancha na qual estavam bateu contra uma pedra. Afundou, no trecho que deve ser o mais difícil da viagem: o Salto Augusto. “Foi logo no primeiro dia. A viagem tinha mais seis. Ninguém iria notar a falta da gente na primeira semana”, lembra Maurício.

Pronto, o roteiro ideal. Não fosse a realidade de precisar caminhar pela mata. Por sorte, depois de dois dias, encontraram um acampamento abandonado. Lá, os mateiros decidiram procurar socorro. Luiz e Maurício ficaram. “Eu falei com o Luiz que se aparecesse uma onça, a gente tocava fogo na mata e corria para a beira do rio. Nessas horas, não dá para pensar muito em ecologia”, brinca o diretor.

Sério mesmo foi o regime obrigatório a que se submeteram. Depois de andar 200 km até achar o acampamento, alimentaram-se de caldo de peixe. “Foi o único que conseguimos pescar”. Assim com em *A Bruxa de Blair*, todos os detalhes, do naufrágio ao fim — nesse caso, feliz — do périplo, estão registrados. E farão parte de um filme, com o título ainda provisório de *Perdidos na Selva*.

Enquanto a realidade não vira ficção, a experiência tornou Maurício Dias mais precavido.

Reprodução



Retrato de índios Bororó feito pelo pintor francês Amadei Taunay

Junto com as 120 latas que devem gastar durante as filmagens, a logística da equipe da Grifa inclui três botes que não afundam, com coletes e combustível reserva; barracas para todos os integrantes da equipe, freezer para manter a temperatura dos negativos; aparelho IGPS para localização por satélite; Sistema de Comunicação Iridium, com o qual podem se comunicar com todas as partes do mundo.

A idéia de refazer o trajeto da Expedição Langsdorff surgiu quando Maurício Dias consultou Paulo Werner sobre a possibilidade de se navegar os maiores rios brasileiros. Werner, há quatro meses, foi nomeado diretor do Museu do Mar, em Santa Catarina. Surpresa foi descobrir que “um certo russo” havia levado a idéia adiante há 178 anos.

Depois de realizar a filmagem no Brasil, a equipe da Grifa parte para a Europa — Rússia, Alemanha e França. A intenção é conhecer descendentes da família Langsdorff (Alemanha e França) e tomar contato com o material recolhido pela expedição original, quase toda em um museu de São Petersburgo, na Rússia.

“Queremos usar esse trabalho para mostrar que no Brasil nós fazemos coisas de qualidade. O país ainda é visto com muito preconceito no mercado internacional”, explica Dias. Que, até chegar na Europa, ainda terá que passar alguns dias tomando muita clorofila líquida — “Vale por uma salada” — e tomando mushiro, sopa japonesa com alto valor nutritivo. “Mas, por sorte, alguém sempre contrabandeia um salaminho”. (A.M.)

MEMÓRIA

LANGSDORFF ACABOU LOUCO

A expedição Langsdorff resultou do pensamento positivista que reinava durante o século XIX. Recebeu o apoio do governo russo e teve consentimento monárquico brasileiro, na figura de José Bonifácio Andrada e Silva. Entre 1821 e 1829, percorreu mais de 16 mil km. Trinta e nove expedicionários participaram da viagem. Dentre eles, os pintores Hercule Florence e Amadei Taunay, o astrônomo nestor Rubstsoz, o botânico Ludwig Ridel e o naturalista Wilhelm Freyreiss. Havia ainda escravos, guias, caçadores e remadores. A expedição partiu da fazenda Mandioca, no Rio de Janeiro. Navegou pelos rios Tietê, Paraná, Pardo, Cuiabá, Arinos, Juruena, Tapajós e Amazonas. Malárias, outras doenças tropicais e mosquitos fizeram o inferno dos viajantes. Mortes, problemas pessoais e falta de dinheiro transformaram a viagem em uma tragédia. Langsdorff acabou louco. Cogita-se que tenha contraído sífilis, pois, durante permanência em Cuiabá, o barão teria se afeiçoado a algumas mulheres. No registro oficial, a loucura foi consequência de inúmeras malárias. O resto é suposição.